

Os que fizeram a legislatura finda



Quando nada por ter feito uma Constituição, o Congresso que se reuniu ontem em Brasília pela última vez terá um lugar na história política do país. A legislatura, tirante isso, não foi das mais brilhantes nem terá se distinguido pela eficiência. Também não emergiram nela, como em outras oportunidades, lideranças empolgantes. Mas ao lado do surto de economistas de primeira linha que ocuparam lugares importantes nas duas casas legislativas, sempre registrou-se a presença de políticos que se notabilizaram pela coerência ou a nitidez das idéias. Eles deram bem o seu recado e por isso merecem reconhecimento.

Dos nomes que tiveram realce cumpre destacar o de Ulysses Guimarães, que a presidiu na fase Constituinte com vigor quase juvenil, e o de Mário Covas, que deixou como líder sua marca na Carta de 1988. O presidente da Câmara, Paes de Andrade, afasta-se por quatro anos mas certamente estará de volta, coisa que dificilmente acontecerá a dois outros parlamentares, o senador Severo Gomes e o deputado Fernando Santana. Dos que se foram para sempre há dois a distinguir, Afonso Arinos de Melo Franco, o grande líder da oposição da década de 50 e o renovado constituinte das duas últimas constituições, e Luiz Viana Filho, que freqüentava com brilho o parlamento desde 1934 e se distinguiu como constituinte em 1946.

Claro que houve deputados novos que se afirmaram na tribuna parlamentar, como os jovens líderes do PT, o líder do PSDB, Euclides Scalco, e Nelson Jobim, do Rio Grande do Sul, que sustentou uma das tradições da casa, a do saber jurídico. De Luís Inácio da Silva, o Lula,

melhor dizer que foi um político importante no cenário nacional mas não se distinguiu tanto quanto José Genoino, por exemplo, na vida parlamentar. A era Collor, que iniciou já na legislatura que se extingue, nada lhe acrescentou.

Mas volto aos nomes de Fernando Santana e Severo Gomes. Independentemente das idéias que expressaram e pelas quais lutaram, deixam saudades numa vida parlamentar que não se distingue pela valorização dos princípios e das idéias, a que se vinculam mais que a pessoas ou circunstâncias. Santana, o velho comunista que desde estudante freqüentou prisões e exerceu mandatos a partir de 1958, interrompidos apenas pelas cassações dos militares, não chegou a ser propriamente um secretário, de tal modo nele a consciência do interesse nacional se sobrepõe às prioridades de facções, mesmo as mais exclusivistas como aquela a que se filiou.

Severo Gomes emergiu das elites paulistas, de que é notável espécime, para o combate permanente e a evolução constante de posições. Egresso do udenismo brigadeirista e lacerdista, transitou por diretorias e ministérios durante o sistema militar. Nesse meio tempo consolidou-se sua vocação nacionalista, agora posta de escanteio pela modernidade da moda. Como disse no seu discurso de despedida, ele leva para seu retiro perguntas que o inquietam sobre o futuro da pátria. Para ele "o penoso esforço do nosso desenvolvimento tecnológico vai sendo desmontado, agravando a dependência nacional". As diversas políticas econômicas do país não teriam guardado relação com o interesse nacional. É a conclusão melancólica.